



## JUVENTUDES E CIDADES NA AMÉRICA LATINA: PROVOCAÇÕES À EDUCAÇÃO

YOUTH AND CITIES IN LATIN AMERICA: PROVOCATIONS TO EDUCATION

Victor Hugo Nedel Oliveira<sup>1</sup>

As juventudes contemporâneas constituem-se de categoria analítica composta por sujeitos múltiplos, diversos, complexos e presentes nos espaços escolares. Pensar as juventudes, portanto, configura-se em elemento fundamental da pesquisa em educação, uma vez que tais sujeitos se relacionam com a escola – espaço de educação formal por excelência – e com outros espaços que educam, como a cidade, por exemplo. Os espaços urbanos são os cenários de vida da ampla maioria dos jovens do Brasil e da América Latina, sendo, as cidades, esses espaços nos quais as contradições, desigualdades e violências são materializadas nas vidas e trajetórias dos jovens contemporâneos. Entender, dessa forma, que as culturas juvenis são as formas pelas quais os jovens exercem sua sociabilidade através da coletividade implica em conhecer as múltiplas situações juvenis, uma vez que ser jovem escolarizado urbano pode exprimir muitas diferenças, como o gênero, a etnia, a classe social, dentre outras. O principal objetivo deste texto é, portanto, apresentar uma resenha da obra “*Ciudades x jóvenes: aportes para la nueva agenda urbana desde las juventudes latinoamericanas*”<sup>2</sup>, de organização Doutora em Ciências Sociais Liliana Mayer e outros, publicada em 2020, pela editora do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*<sup>3</sup> – CLACSO.

A obra, organizada pelo Grupo de Trabalho “Infâncias e Juventudes” da CLACSO integra a série “Movimentos Sociais e Territorialidades” e é composta por apresentação, capítulo introdutório, seis capítulos de corpo e capítulo conclusivo. Os capítulos do corpo da publicação buscam analisar as dimensões das juventudes contemporâneas em cidades-chave da América Latina, como: Buenos Aires, Santiago do Chile, São Paulo, Lima, Bogotá e Cidade do México. Na apresentação, os organizadores situam os leitores da origem do livro, a partir dos esforços, estudos e sistematizações do Grupo de Trabalho e, ainda, assentam a obra na perspectiva da colaboração nas discussões da Agenda 2030<sup>4</sup>.

Na introdução, os organizadores nos brindam com uma ampla, densa e importante contextualização do panorama atual das juventudes urbanas na América Latina, a partir de elementos como as desigualdades sociais, espaciais, políticas e culturais presentes nos espaços regionais e globais. Apresentam, ainda, os destaques da pesquisa que gerou cada capítulo, bem como sobre alguns aspectos teóricos e metodológicos dessas investigações, que foram estruturadas a partir dos estudos dos membros vinculados ao Conselho Latino-Americano de

<sup>1</sup> Victor Hugo Nedel Oliveira, Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), victor.juventudes@gmail.com.

<sup>2</sup> Cidades x jovens: aportes para a nova agenda urbana das juventudes latino-americanas (tradução nossa).

<sup>3</sup> Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (tradução nossa).

<sup>4</sup> A Agenda 2030 trata-se de um plano de ação encaminhado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a partir de 17 objetivos do desenvolvimento sustentável, organizados em três grandes eixos de trabalho: pessoas, planeta e prosperidade. Mais informações podem ser encontradas no site oficial do programa: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 12 fev. 2021.



Ciências Sociais – CLACSO.

No capítulo intitulado “*Desigual y diversa: producción de ciudad y vida urbana entre jóvenes de Buenos Aires*”<sup>5</sup>, de autoria de Liliana Mayer, Wanda Perozzo Ramírez, Melina Vázquez e Pablo Vommaro concentra-se nas percepções das desigualdades urbanas, analisando os aspectos positivos e negativos da vida em espaços urbanos. O estudo destaca as diferenças na percepção sobre: (a) a desigualdade como algo negativo e não natural e (b) a diversidade como um aspecto que enriquece a vida nas cidades. O texto avança para as discussões sobre as percepções das ações públicas e políticas, bem como de suas avaliações sobre as possibilidades de participação cidadã e os limites que tal participação encontra. Nesse sentido, são evidenciadas propostas para melhorar e tornar mais eficiente a participação cidadã e o papel dos jovens nesses processos.

No capítulo denominado “*Juventudes urbanas en Santiago de Chile: tensiones y oportunidades para la transformación ciudadana*”<sup>6</sup>, escrito por Juan Pablo Duhalde e María Jesús Silva são analisadas as percepções dos jovens em torno de três grandes eixos: as dinâmicas e conjunturas urbanas; a cidade e a formação das cidadanias urbanas; e as possíveis transformações em termos de justiça e ética em espaços urbanos. O trabalho pesquisa sobre as questões centrais das cidades e a comercialização do urbano nos tempos atuais, sendo interpretada como um dos principais promotores da segregação e desigualdades das cidades. Os autores também realizam discussão sobre os contrastes e as virtudes que os jovens – a partir de suas trajetórias, opiniões e experiências – verificam na construção de uma cidade alternativa, como espaço de resistência diante da cidade hegemônica e desigual. Por fim, analisam a relevância da noção de cidadania na perspectiva dos jovens, como papel fundamental para as múltiplas formas de apropriação do território e a formação de uma cidade diversa e integrada que gere as condições de possibilidade e transformação nas formas de organização, protesto e cidadania a partir das relações de cada território urbano.

Já no capítulo designado “Desigualdade, segregação socioespacial e participação social: o olhar de jovens paulistanos sobre a cidade de São Paulo”, encaminhado por Ana Claudia Cifali e Marisa Feffermann são analisadas as relações entre o centro da cidade e suas periferias, o planejamento urbano e/ou sua ausência e os conflitos relacionados à insegurança social e à violência policial, temas que caracterizam as principais metrópoles brasileiras. Em relação aos problemas específicos da cidade, mencionam-se a poluição e as questões relativas ao saneamento e à saúde, tão carentes nos espaços urbanos. Sobre as questões da participação, as autoras discutem especificamente o movimento Passe Livre, organizados por jovens alunos do Ensino Médio, que forneceu condições de visibilidade aos jovens e aos movimentos juvenis.

O capítulo “*Jóvenes y representaciones de una ciudad desigual: el caso de Lima Metropolitana*”<sup>7</sup>, apresentado por Manuel Dammert-Guardia e Brenda Mendoza Bazán converge em várias questões com o capítulo sobre São Paulo, em particular em relação à falta de planejamento urbano que, na perspectiva dos jovens, trata-se da causa dos principais problemas urbanos, como a questão da poluição e as dificuldades de mobilidade, discutindo sobre o tempo necessário para transitar pela cidade e os gastos financeiros que a mobilidade truncada provoca. Os autores problematizam que, embora em seu conjunto, a cidade seja percebida como desigual,

<sup>5</sup> Desigual e diversa: produção da cidade e vida urbana entre jovens de Buenos Aires (tradução nossa).

<sup>6</sup> Juventudes urbanas em Santiago do Chile: tensões e oportunidades para a transformação cidadã (tradução nossa).

<sup>7</sup> Jovens e representações de uma cidade desigual: o caso da Região Metropolitana de Lima (tradução nossa).



ela se expressa em diferentes formas nas experiências urbanas de cada grupo de jovens. Enquanto para os moradores de assentamentos populares, prevalecem os discursos sobre corrupção e informalidade; estudantes universitários focam no caos da cidade e os voluntários têm uma visão comunitária do progresso. Quanto às soluções possíveis, os jovens propõem dois tipos: de um lado, os institucionais, voltados para o fortalecimento da capacidade do Estado de redirecionar a urbanização por meio do planejamento e, de outro, os educacionais, voltados para o fortalecimento da cidadania, tendo a educação como principal valor.

No capítulo intitulado “*Juventudes urbanas en Bogotá: análisis de tensiones y alternativas desde los claroscuros territoriales*”<sup>8</sup>, de autoria de Adriana Arroyo Ortega, Wanda Perozzo Ramírez e Heidy Pinilla se articula a partir das noções de identidade e território, categorias que permitem dar conta das relações entre as múltiplas configurações territoriais e as possíveis identidades urbanas. Como elemento que dá sentido aos jovens de Bogotá, os trânsitos, percursos, práticas, usos e tensões a produção da vida urbana são entendidos como principais formadores dessa condição juvenil. Deste modo, as questões que percorrem o capítulo pretenderam investigar e aprofundar as formas como os jovens ressignificam a cidade como sujeitos ativos que influenciam a construção territorial, os processos de apropriação do espaço e a construção de um sentido de pertença na cidade. Nessa leitura, as relações entre identidade e território são estudadas como parte do processo de construção de identidades coletivas, ou seja, das culturas juvenis urbanas; a visibilidade dos problemas ambientais possui grande representatividade, como uma questão sobre as condições de vida e possibilidades; e as questões dos jovens em torno das desigualdades de gênero na cidade se fazem presentes, a partir das falas dos próprios jovens urbanos.

No capítulo denominado: “*Perspectivas y propuestas para la construcción de una ciudad incluyente: juventudes en la Ciudad de México*”<sup>9</sup>, escrito por Leslie Lemus e Rayenari Torres Chacón são debatidas as questões que os jovens identificaram em seus grupos de discussão, como a desigualdade social, a degradação ambiental e a violência e insegurança urbanas. Apesar das dificuldades encontradas nos aspectos de coleta dos dados, os jovens que participaram nesse exercício reconheceram que encontram nos as ferramentas que lhe permitirão realizar mudanças nas suas famílias, nas suas cidades e ao nível da sociedade, ou seja, tratou-se de uma importante pesquisa-ação, na qual os jovens reconheceram-se como protagonistas da mudança em suas histórias de vida.

Por fim, no capítulo conclusivo, “*Palabras finales. Ciudades x Jóvenes: algunos ejes para reflexionar*”<sup>10</sup>, os organizadores retomam os principais aspectos trabalhados nos capítulos de cada cidade que foi trazida à baila no livro, para poder encontrar aspectos convergentes e divergentes de cada análise. Ainda, apontam para futuras linhas de estudos, pesquisas e abordagens, provocando novas questões para futuros estudos. Ficou claro que a diversidade é um dos eixos que, fundamentalmente, articulou os capítulos da obra, não só porque foram observadas cidades plurais e complexas, mas também pela multiplicidade de visões sobre os processos em questão a partir das leituras dos autores incluídos.

O que os jovens urbanos da América Latina têm a dizer à educação? Poderia ser a pergunta central a ser respondida nesse texto. Em primeiro lugar, são jovens de diferentes partes

<sup>8</sup> Juventudes urbanas em Bogotá: análise de tensões e alternativas das incertezas territoriais (tradução nossa).

<sup>9</sup> Perspectivas e propostas para a construção de uma cidade inclusiva: juventudes na Cidade do México (tradução nossa).

<sup>10</sup> Palavras finais. Cidades x Jovens: alguns eixos para reflexão (tradução nossa).



da América Latina que reconhecem elementos em comum em suas cidades, como: a desigualdade, a insegurança urbana, as questões ambientais e as dificuldades de mobilidade. Ainda, percebem suas cidades como espaços de diversidade e reconhecem que a participação cidadã é um dos principais elementos de diminuição das desigualdades e promoção de espaços de justiça social. É fundamental notar que esses jovens estão presentes, também, nas escolas e que suas percepções são ricos elementos para contextualização, debate e promoção de suas ideias nas aulas. A cidade também constrói as identidades juvenis e os jovens também constroem a cidade. Resta que tal reconhecimento simbiótico seja trazido à tona e aproveitado nos diversos espaços educativos.

A noção de que a cidade se configura como elemento educativo, presente em todos os capítulos da obra, reforça os entendimentos de que se educa na cidade e que a cidade é transformada a partir dos processos educativos. A existência dos jovens em cenários urbanos – e dada tamanha diversidade da região latino-americana expressa no livro – aponta para o fato de que os espaços urbanos, cenários da vida da ampla maioria desses sujeitos, reclamam-se com suas próprias constituições de si. A obra, nesse sentido, dá conta de alargar e aprofundar a discussão sobre as juventudes contemporâneas e suas relações com as cidades da América Latina, região do mundo que sofre das mazelas de sistemas opressores há séculos. As relações com a educação, tão evidentes nesses contextos, apregoam a necessidade de se inserir o contexto no qual se vive nos espaços da sala de aula e, com isso, trazer para o campo do conhecimento construído na escola tais problematizações.

Ao finalizar a apreciação da obra, o leitor que é professor depara-se com um questionamento político, ético, estético e profissional: o que os jovens urbanos escolarizados trazem para minhas aulas? Como eu aproveito isso e trago para os objetos de aprendizagem que vou trabalhar? São perguntas que podem ser evocadas com a leitura da obra. O entendimento sobre as juventudes contemporâneas presentes nas escolas também é outro elemento central que o livro entrega aos docentes, na medida em que os múltiplos estudos sobre os jovens possibilitam maior conhecimento em relação a esses sujeitos, seus desejos, angústias e motivações, e isso é de grande valor aos professores e demais trabalhadores da educação. A obra apresenta grandiosa investigação realizada em um contexto continental, porém, que pode ser compreendido a partir da realidade de cada cidade, cada escola, cada professor, cada sala de aula e cada sujeito jovem. O livro “Cidades x jovens: aportes para a nova agenda urbana das juventudes latino-americanas” nos traz muitas e latentes questões. Resta agora saber o que vamos fazer com elas.

## REFERÊNCIA

MAYER, L. *et al.* (org.). **Ciudades x jóvenes**: aportes para la nueva agenda urbana desde las juventudes latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2020.